

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Província do Pará Class.: CIMI

Data 15/02/90 Pg.: 655

Igreja vai fiscalizar Collor na Amazônia

"A Igreja não se coloca contra o Governo. Se coloca a favor do Homem. Se o Governo for contra o Homem, a Igreja grita". Essa é a premissa básica que deverá nortear o relacionamento da Igreja Católica com o novo presidente brasileiro, Fernando Collor de Mello, segundo revelou ontem, em Belém, o bispo de Itacoatiara (AM), dom Jorge Marskell, no III Encontro de Bispos dos Regionais Norte I e II da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Esse princípio deverá ser ratificado em maio ou abril em Itaipava (SP), na reunião anual de todos os bispos do País.

Desde terça-feira, os bispos dos Regionais Norte I e II da CNBB estão reunidos na vila de Icoaraci, na região metropolitana de Belém, para debater o tema "A Igreja diante dos grandes desafios sociais, culturais e religiosos da Amazônia". Hoje, no encerramento do encontro, serão discutidas as prioridades de ação para os próximos anos e aprovada a carta de conclusão dos debates. A última vez que os bispos dos Regionais Norte I e II haviam se reunido foi em 1972, em Santarém.

Nesses 18 anos, segundo dom Jorge Marskell, a Igreja aprendeu que não deve ser meramente assistencialista e sim exercer um papel de conscientizadora do povo. Daí muitos órgãos oficiais da Amazônia, como a Sudam, terem deixado de procurar os religiosos para a busca de soluções aos problemas regionais, incluindo as violências que se praticam contra trabalhadores rurais sem-terra e índios, por exemplo. "A expectativa, antes, era de que as soluções viriam a partir da ação do Estado.

Agora, a Igreja acha que a libertação do homem deverá vir com a conscientização do próprio homem", analisa dom Marskell.

A mudança de prática e a opção pelos pobres, consagrada em Medellín, desde 1968, provocaram reação das elites, com sistemáticas críticas às CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e à Igreja como um todo. "A crítica vem sempre quando a Igreja deixa de ser aparelho ideológico do Estado.

Esse é ponto central", afirma o frei Luiz Pinto, da Diocese de Santarém, ligada ao Regional Norte II da CNBB. "Pensava-se que as críticas eram consequência do regime militar, mas hoje se constata mais: é o poder econômico que não quer mudanças", completa dom Jorge.

A avaliação de outro aspecto da atuação da Igreja na Amazônia nas duas últimas décadas revela um acentuado crescimento das pastorais sociais, a partir da prioridade dada à formação e capacitação de agentes e missionários. Para tanto, segundo frei Luiz, foram fundamentais os trabalhos desenvolvidos pelo IAR-Norte II e Centro de Comportamento Humano (Cenesc). "Atualmente, a vida da Igreja está nas pequenas comunidades, fazendo as transformações que o nosso povo está precisando", assinalou frei Luiz Pinto.